



TAXA PAGA
PORTUGAL
CONTRATO: 536425

CORREIO
EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 22 de Março de 2014 • Ano LXXI • N.º 1827 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA Padre Júlio

Recomeçar

CADA novo dia impõe-nos a tarefa de recomeçar a vida. Após o descanso vem o trabalho; depois da inactividade vem o movimento.

Ninguém que queira ser alguém está isento de, todos os dias, recomeçar.

Na parábola de Jesus, o Senhor da vinha passou a diferentes horas do dia, e em todas elas encomendou trabalhos aos que esperavam a sua Hora. Bendita Hora!; com ela chega a alegria do convite e a promessa da retribuição, tão necessária como desejada.

Nunca foi de outra forma. Abraão, Moisés, deixaram a sua terra, os seus, para ir cumprir a missão que lhes foi atribuída. Pai Américo também teve a sua Hora. E, embora considerando os anos antes vividos como perdidos, não o foram de todo. Na nova estrutura em que a sua vida assentou, eles foram tempos úteis de experiências que a enriqueceram e encherem de saber.

Só em Jesus Cristo chegou a Sua Hora antes de ter chegado. Nisto não há contradição, pois Ele é o Senhor da Hora e de todas as horas.

Por isso, por esta qualidade que Lhe é intrínseca, o Senhor da vinha continua a passar; e a atribuir tarefas aos que esperam ociosos a sua Hora. Mas, sinal dos tempos..., parece estarmos agora noutra realidade. Os que esperam tarefa põem suas condições. Não se dão inteiramente à missão e querem experimentar uma, e mais uma, e..., para se ganharem? Parece!

Com o cumprimento da tarefa deverá vir juntamente a recompensa definitiva? Não é esta só recebida plenamente depois daquela estar cumprida?

Ao mundo só interessa o que satisfaz, o que é compensador, o que aumenta a auto-estima... sinal de que só motiva a fazer algo o que traz consigo uma imediata recompensa.

Nos projectos em que Deus Se mete com os homens, nada disto é assim. Ele manda pegar na Cruz, manda amar os inimigos, manda acolher e servir os que nada têm com que retribuir... E esperar a recompensa que, ano após ano, vai sendo acumulada, como um tesouro, no Céu.

Quem crê?!

A nossa Obra trata de muitos que ninguém quer; dos que nada têm para dar; dos que, muitas vezes, só depois de muito receber começam a compreender... Quem aprecia estes trabalhos e aceita dar-se a estas tarefas?

O Senhor da vinha passa, e chama. Feliz de quem ouvir a Sua voz e perceber ser essa a sua Hora. Será a sua Hora de recomeçar. □



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

É um casal com cinco filhos. Fez uma casinha, pedindo dinheiro ao banco. Não tem podido corresponder às prestações mensais e o financiador ameaça-o através dos seus agentes: «A renegociação da dívida exige uma entrada de 5.000€. Ou arranja ou vai para a rua!»

Quantos casos semelhantes por esse País fora?! Quantos? E quantas famílias perderam a sua casinha pelas mesmas razões?

Eu já conheci uma série delas. Até aconteceu ter ajudado, e agora estou muito arrependido de o ter feito, pois quem ganhou não foram os pobres, mas os bancos. Levaram mais aquele e ficaram com a casa.

Vale-me que, agora, só auxílio, se as coisas forem seguras.

Tornam a culpa à crise económica-financeira. Um habilidoso e leve modo de desculpar tanta falcaturia, feita por gente graúda, que não sofre nada em comparação com estes oprimidos!

Para onde foi o dinheiro? Não subiu para a lua nem desceu às profundidades do oceano. Naturalmente, fugiu para a mão dos mais ricos e poderosos.

Quanto a mim, dói-me o que se passa ao meu redor.

Os mais imperiosos não pensam que

amanhã, muito brevemente, serão pasto de vermes e o seu corpo se transformará em cinza. Que não escapam, por mais voltas que dêem ao seu agnosticismo, ao juízo infalível de Deus.

Podem os seus restos ficar em mausoléus ou panteões e a sua memória se perpetuar na história infalível dos homens, a sua pessoa dará contas a Deus e o seu destino eterno será de perpétuo e terrível sofrimento.

A Quaresma, com a sua visão global do homem e da Humanidade, vem alertar-nos para o modo certo, como devemos gerir os nossos recursos humanos, incluindo os bens materiais.

O nosso Papa Francisco não se cansa de bater na mesma tecla da Obra da Rua e de apontar a **pobreza** como caminho de salvação para todos. Indo rebuscar, e não precisa de muito esforço, que a Bíblia não ensina outra verdade, a frase de S. Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios: «*Conheceis bem a bondade de nosso Senhor Jesus Cristo, que sendo rico Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza.*»

É esta pobreza de coração que enchia a intimidade de Jesus e era a Sua grande

Continua na página 4

Esclarecimento

Uma vez mais o nome da nossa Obra é usado indevidamente, agora na promoção de espectáculos de uma cantora, neste caso estrangeira. A nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa foi anunciada como tendo sido a escolhida pela artista, para ser a destinatária dos bens resultantes da sua campanha promocional.

A nossa Obra nunca procurou, nem deseja obter donativos provenientes de quem não nos conhece, nem procura conhecer. Não somos anónimos; somos a porta aberta para os de dentro e para os de fora. Nascermos para fazer o bem às almas, dos que acolhemos e dos que, escutando a nossa palavra e vendo a nossa vida, lhes querem fazer o bem também.

Expostos por isso a andar nas bocas do mundo, a tudo nos sujeitamos, colhendo da sementeira bons e maus frutos. Nos trabalhos desta seara a que Pai Américo meteu mãos, foi a 19 de Março de 1932 tomando conta da Sopa dos Pobres em Coimbra, nunca mais nos quisemos senão pertinho deles.

Padre Júlio

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Um cêntimo

FOI convocado, e muito bem, pelo Papa Francisco um Sínodo dos Bispos sobre a Família, que é a igreja doméstica. Para além da união sacramental, entre outras questões, há a indiferença de Deus e preocupações que urgem reflexões tão alargadas, bem como a procura incessante de curas eficazes, na linha da misericórdia e com empenho na transmissão da fé. É aí, na célula base dos tecidos social e eclesial, o que outrora foi preponderante, que um grande investimento há-de ser sempre feito, pela sobrevivência e realização humana equilibrada.

Em vários regimes opressores e perseguidores dos cristãos, a fé é testemunhada com o martírio de muitos, deixando sequelas da afirmação sábia de que *o Cristianismo é uma conspiração para o bem* (J. Ratzinger). Ser cristão é mesmo ser *bom*, espalhando bondade, no quotidiano e desde os acontecimentos mais simples.

Se, nos últimos decénios, os mais novos foram passando a viver a maioria do seu tempo fora de casa, como sujeitos influenciáveis de tantos factores e costumes, muitos deles pagãos, a educação cristã é um desafio cada vez mais exigente e, porventura, mais motivador, ensinando-os (nos) a viver de modo cristão e não de qualquer maneira. Em meio escolar, têm tomado avanço, além de um ateísmo sub-reptício e militante, certas manifestações, como carnavais e *hallowe'en*, que sobrecarregam indevidamente a necessária instrução, abrangente e ligada à prática. Os cristãos não podem deixar de se mostrar orgulhosos, mas humildes e dignos, desse nome, imitando o modo de viver de Jesus.

É a partir das coisas pequenas, da vida humana e em comunidade, que se vão tecendo os fios da rede de justiça e amor que podem e devem abraçar o mundo. Numa perspectiva cristã encarnada, quando, certo dia, um jovem padre, do Alentejo, pediu um conselho ao Padre Américo em matéria de evangelização social, na volta veio um belo e teológico naco de prosa, saído da sua pena magistral, que também hoje nos faz atarrar. Ora vejamos:

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O MUNDO DO TRABALHO JÁ NÃO É O QUE ERA — Pode acontecer que seja por distração nossa, mas não nos têm aparecido, até agora, muitas situações de pessoas desempregadas a que seja preciso acudir. Tem havido algumas, mas não com a intensidade que sabemos que infelizmente acontece noutras zonas do País.

Dito isto, existe aqui, como no resto do País, uma situação que vai ser causa de problemas sociais muito difíceis de resolver, não tarda muito. Por enquanto, debaixo da protecção de pais ou avós, há um número considerável de jovens que vivem numa situação em que, até agora, pouco estudaram ou trabalharam. O que estudaram, não é suficiente para completarem uma escolaridade como deve ser e que os prepare para conseguirem, depois, um trabalho ou trabalhos que lhes permitam ganhar o seu sustento. Quanto ao trabalho, alguns foram educados sem o sentido de que é preciso cada um ganhar o pão que come com o suor do seu rosto, e os que tiveram essa educação, muitas vezes, encontram grandes dificuldades em encontrar trabalho ou, melhor, trabalhos.

No mundo de hoje, é melhor começar a falar, cada vez mais, de trabalhos, no plural, e menos de emprego, no sentido de um trabalho numa só actividade, com alguma estabilidade e com perspectivas de progressão em termos de carreira e de remuneração. Nos dias de hoje e nos que aí vêm, será cada vez mais frequente a pessoa ter que ganhar o seu sustento, desdobrando-se por vários trabalhos durante o dia, com durações limitadas e que é preciso ir procurando, de forma contínua, para que quando acabarem uns trabalhos, haja outros para fazer.

Ainda não começamos a sofrer, em pleno, o impacto destas mudanças, porque muitos destes jovens vivem, actualmente, debaixo da protecção de pais e avós, mas o problema está aí e as suas consequências sociais vão começar a surgir, cada vez mais, pelo País fora. Há uns dias atrás, uma jovem vinda de uma zona do interior do País, dizia-nos que, lá onde vive, há pessoas da idade dela e com cursos acabados, que estão a cair em situações de alcoolismo ou mesmo de suicídio. Ainda não demos por casos destes aqui, mas é preciso estarmos atentos ao que se vai passando nesta frente do trabalho social. □

LAR DO PORTO

Adelaide e José Alves

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Amemo-nos uns aos outros como Jesus nos ama.

Não queiramos levar uma vida fechados, cultivando as nossas qualidades e dons para proveito próprio, mas interessemo-nos pelos nossos irmãos, queiramo-los, procuremos o seu bem.

Jesus trouxe para a Terra uma nova e riquíssima forma de amor, ensinou-a com a Sua vida. Ora, assim quer Ele que também nos amemos. Tomando a iniciativa de estimar os outros sem esperar retribuição e estando dispostos a dar tudo pelo próximo.

Peçamos, pois, a graça de reger o nosso amor a Deus e ao próximo.»

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — São muitos os pedidos de ajuda que temos tido e, com tristeza nossa, vamos informando que não temos meios financeiros para os poder ajudar.

Também aqueles que temos acompanhado mais de perto, aumentaram as suas dificuldades; o pouco que iam angariando, com pequenos trabalhos que prestavam, acabou. Têm batido às portas, mas, estas, mantêm-se fechadas — e ouvem o desabafo de quem os ajudava: «a vida está difícil».

Também nós nos mantemos calados, impotentes para os poder ajudar mais. A tristeza nos invade e é convosco que desabafamos as nossas limitações.

D. Helena, de Lisboa, 500€. João Ferreira, 20€. D. M.^a Luísa Cerqueira, 50€.

Um muito obrigada, só com a vossa ajuda é que podemos continuar a ajudar aqueles que estão sempre à nossa espera. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DE ÁFRICA

João Evangelista

50 ANOS DA OBRA DA RUA EM ANGOLA

— Chegámos a Luanda após pouco mais de sete horas de voo. À nossa espera, estavam alguns irmãos nossos que, logo, nos levaram rumo a Malanje, primeira etapa do nosso destino. O autocarro da nossa Casa do Gaiato de Benguela, com Bento ao volante, seguiu em pleno; mas com algumas paragens de controlo das autoridades, lá chegámos. O cansaço era visível pelas nossas expressões e o almoço que nos esperava era apetecido. O dia seguinte começou com uma

visita à cidade (onde ainda se notam alguns sinais da guerra) e, nos dias seguintes, desfrutámos das belas paisagens angolanas como: as Quedas dos Duques de Bragança, Rápidos dos Quanza, Pedras Negras...

No dia 2 de Fevereiro, em Malanje, foi dia grande para toda a Comunidade que em redor do Altar emanaram Salmos de alegria, lembrando o esforço dos primeiros jovens que, com Padre Telmo, iniciaram aquela Casa. Antigos e actuais gaiatos, entidades religiosas e governamentais, participaram na Santa Missa, can-

tada e dançada pelos jovens, como é tradição.

No dia 9, em Benguela, os actos solenes repetiram-se, sendo o Padre Manuel António homenageado por membro do Governo, onde foi lembrado, uma vez mais, o mérito e esforço, exercido nesta Casa, em prol das crianças pobres e desprotegidas. D. Óscar honrou-nos com a sua presença, ele que assistiu de perto ao começo das nossas Casas em Angola, lembrando Pai Américo e Padre Carlos. O almoço, oferecido e servido pelo nosso antigo gaiato,

PAÇO DE SOUSA

Bruno Alexandre

MEDALHA DE OURO — No passado dia 3 de Março no Museu Municipal de Penafiel, a nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa foi homenageada como uma das principais obras de Caridade, do Concelho. Nessa cerimónia participaram o Presidente da Câmara e outras personalidades, com uma grande assembleia de convidados. Não esqueçamos o Pai Américo, que era natural de Penafiel, e um distinto penafidense, que tudo fez pelo bem dos Pobres, seus conterrâneos ou não.

PRIMAVERA — Já se começam a avistar lindas e belas árvores floridas. Também na nossa mata já se visibilizam malmequeres, e as árvores começam a estar mais compostas. A primavera é uma das épocas mais lindas devido a que a natureza fica colorida. Para o seu final começamos a avistar os frutos que durante o Verão irão amadurecer. As madrugadoras abelhas, já começam a fazer o seu trabalho, levando o pólen e o néctar das flores para as colmeias, deixando cair pelo caminho pequenos grãos de pólen nas outras flores.

RAPAZES — O Hugo Pina conseguiu realizar um dos seus desejos, que era tirar a carta de condução, para um dia mais tarde ter mais probabilidades de arranjar emprego, e também dar uma ajuda em transportar coisas

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — Depois de mais de dois meses, o Sol passou a brilhar com intensidade! Nas mini-férias de Carnaval, descarolou-se milho no barraco e, na *terra dos grilos*, queimaram-se restos de ramagens de oliveira. Depois, começou-se a limpar o *olival dos poços*.

ARRANJOS — Alguns amigos e amigas têm-nos dado várias peças de mobiliário, algumas delas antigas. Entre outras, como se encontrou logo sítio, foram dispostas na sala de jantar: uma bela mesa e cristaleira. Bem-hajam!

Nas estantes colocadas em duas salas do Centro de Estudo, têm-se posto parte dos livros (infanto-juvenis e outros) que temos e nos têm

oferecido (por exemplo de S. João da Madeira, Figueira da Foz, Coimbra), que agradecemos. Como é necessário, foi de novo arranjado o gabinete médico e de enfermagem.

VISITANTES — A 9 de Março, Domingo, tivemos a agradável visita do grupo de jovens *A Caminho*, da Paróquia de Árvore (Vila do Conde), que nos trouxeram a sua alegria e bens alimentares, recolhidos na sua comunidade. Nessa tarde, também vieram os jovens de Vale do Açor, com a sua partilha. Muito obrigado!

HORÁRIOS DA CASA — Pode ser útil registar aqui, em linhas gerais, os horários da vida da nossa comunidade, em 2013/14. Assim: 07:00h

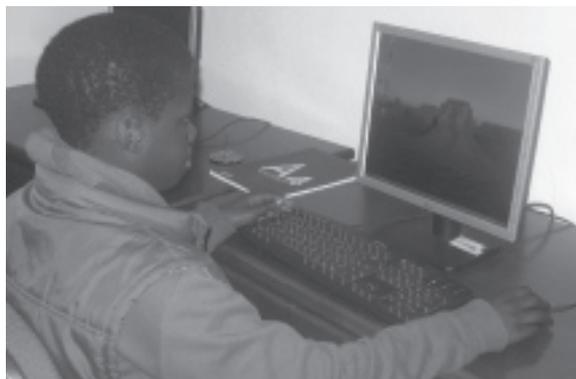


na nossa Casa. É uma alegria para ele já poder andar ao volante de um carro. Custou mas conseguiu, passar logo à primeira. Muitos parabéns.

ÁRVORES — Algumas das árvores da nossa Aldeia, andam neste momento a ser podadas devido a terem ramos muito grandes. Aproveitamos os ramos para fazer lenha, que servirá para aquecimento das nossas Casas e para a nossa churrasqueira. □

— levantar; 07:30h — Oração da manhã, pequeno-almoço; 08:00h — saída para as escolas, obrigações e outras tarefas; 12:30h — almoço (13:00h — Sábado e Domingo); 14:00h — obrigações e outras tarefas na Casa e Quinta, e estudo; 17:30h — merenda, estudo e recreio; 19:30h — Terço; 20:00h — jantar, Oração da noite e obrigações; 21:00h — silêncio na *casa-mãe* e médios; 22:30h — silêncio geral. Sábado: manhã — obrigações e outras tarefas; 15:00h — treino desportivo, acolhimento de visitas. Domingo: 10:00h — Eucaristia; tarde — actividades culturais e acolhimento de visitas. Catequese: 1.º ano — Sábado, 11:00h; 2.º ano — Domingo, 11:00h; *Primeira Comunhão* — Terça-feira, 18:45h; outros — Quinta-feira, 18:45h e Sábado, 11:00h. A pontualidade é uma grande virtude, mas difícil... □

FALANDO DE MIM



EU sou o Gibril, tenho 13 anos e vou fazer 14 no dia 21 de Agosto. Vim com o meu irmão para a Casa do Gaiato no dia 4 de Julho de 2011.

Eu vim para a Casa do Gaiato porque não tinha companhia em casa. A minha mãe ia trabalhar e eu ficava sozinho em casa. Quando cheguei ao Gaiato, sentia-me sempre triste, com saudades da minha mãe e pedia ao sr. Padre para voltar, mas com o tempo esta é a minha Casa.

Gibril

Gabriel, que nos presenteou também com as visitas que fizemos à bonita Baía Azul e Parque Natural de Ximavelera.

O objectivo a que nos propusemos nesta viagem, foi superado. Esperamos que todos continuem a apoiar e acompanhar de perto, por muitos anos, a Obra da Rua em Angola. Fomos bem recebidos, mesmo por aqueles que com saudade já não víamos há mais de quarenta anos.

As dificuldades de há cinquenta anos, lembram-nos as de agora, com a crise que se faz sentir através das necessidades cada vez mais prementes. Mas, é nestas situações que lembramos a coragem daqueles que

tendo pouco, ainda assim conseguem tirar, ao seu magro salário, uma pequena migalha que junto a outra e outras... se faz uma grande boroa para alimentar as crianças que, com muito carinho e amor, são no dia-a-dia a razão da existência das Casas do Gaiato. Os nossos irmãos antigos são a fonte viva do esforço, mostrando que ser gaiato é algo que não esquecem e enaltecem, mesmo ocupando lugares de destaque em empresas ou mesmo no Governo. São sempre Gaiatos! Uns melhor que outros, mas todos unidos, fazendo sempre o que mais gostam de fazer: amar e ajudar



BENGUELA

Padre Manuel António

Partilha

UM grupo de jovens, da cidade do Lobito, chegou, há pouco tempo, à nossa Casa do Gaiato. Vieram visitar-nos e conviver com os filhos. Tivemos um encontro pessoal, antes de partirem. Ficaram maravilhados com o conhecimento da realidade de que tinham ouvido falar, mas não conheciam. Têm a sua família normal. Cresceram debaixo do olhar amoroso do pai e o carinho da mãe. É um direito natural dos filhos. É a base do seu crescimento equilibrado, como garantia do cidadão normal da sociedade. Por isso, a Casa do Gaiato quer ser a Casa de Família dos filhos abandonados, sem família, ajudando-os a ser a maior riqueza da Nação. Com fundamento nesta verdade, disse ao grupo de jovens, meninas e meninos, dos 18 aos 25 anos, que tivessem consciência da sua riqueza humana. Devem pô-la a render também ao serviço das crianças da rua. A forma mais eficaz é o amor e nunca o desprezo, pois no seu coração está escondida uma grande riqueza a explorar. É a missão da Casa do Gaiato: Ajudar cada rapaz a ser um homem. É o tesouro escondido no coração de cada filho. Pedi muito ao grupo de jovens para serem honestos e não contribuírem com o seu comportamento mau para a desgraça dos filhos. Um dos grandes problemas sociais está no abandono dos filhos da parte dos pais.

Há dias, no diálogo com uma jovem, disse-me que tinha quatro filhos. Perguntei-lhe se vivia com o pai dos filhos. Disse-me que não! Gerou-os e abandonou-os! Autêntico criminoso que, por certo, continua a viver impune. A mãe, por certo, também teve a sua parte de culpa. As vítimas inocentes são os filhos. É um dos males sociais a pedir a intervenção das forças vivas da sociedade. É a violação dum direito humano natural que todos os filhos têm. Por isso, na conversa com estes jovens, confiei-lhes a mensagem de amor para com os filhos da rua e, ao mesmo tempo, estivessem vigilantes para que o inimigo não entrasse nas suas vidas, pois as

tentações são fortes. Foi um momento muito precioso.

A visita, acima referida, aconteceu no primeiro Domingo da Quaresma. É um tempo privilegiado para a revisão séria, muito responsável, da vida de cada um de nós. Precisamos de coragem para entrar, sem medo, em todos os cantinhos do nosso coração. É a dimensão mais profunda da vida humana. Este tempo da Quaresma é um toque de alerta muito sério para as nossas vidas. O egoísmo, a indiferença e outras pedras inseguras são, muitas vezes, a base das nossas vidas instaladas. Quem dera planeemos as nossas vidas como um constante serviço aos nossos irmãos mais necessitados. É a única forma de estarmos a edificar sobre uma base segura. De contrário, estamos a edificar sobre base falsa. A cultura da solidariedade a nível pessoal e das empresas e outras instituições é o segredo duma sociedade mais segura, porque mais justa, mais familiar. É verdade. A solidez duma empresa, por exemplo, é tanto mais notória e tranquila quanto mais solidária com os seus trabalhadores e os mais necessitados, mais pobres que estão fora dos seus muros. É uma experiência que só os corações bons dos gestores podem fazer.

Há dias, recebi uma notícia muito feliz duma empresa, ligada à restauração e ao turismo. Trouxe-nos a tranquilidade muito necessária para este momento concreto de aflição, por falta de meios financeiros. Um grupo de turistas alemães passou pelo Porto do Lobito, no barco que os transportava. A empresa hoteleira falou-lhes da nossa querida Casa do Gaiato de Benguela. Vieram visitar-nos. Os seus corações foram mexidos pela realidade que tinham diante dos seus olhos. O significado deste encontro tornou-se mais visível, perante os filhos presentes que os acompanharam e os outros que ainda estão lá fora, porque ainda não têm lugar para serem acolhidos. Despediram-se, comovidos, com a promessa duma ajuda substancial. Regressaram à sua terra. A unidade hoteleira comunicou-nos, há dois dias, o depósito do donativo na conta no banco, em nome da Casa do Gaiato de Benguela. Foi verdade!

Seremos, um dia, todos julgados usando como único padrão uma só coisa: O Amor que tivemos aos nossos irmãos mais necessitados. Um beijinho para todos vós dos filhos mais pequeninos, em especial dos que nasceram, em nossa Casa, há oito dias. □

«FOI POR MIM...»

Padre João

NUMA sociedade que promove o seu progresso e desenvolvimento com base no «economicismo e desenvolvimento tecnológico» mais sofisticado, qual o eco existencial desta afirmação do Papa Francisco como proposta quaresmal: «Fez-Se pobre para nos enriquecer com a sua pobreza»? Na realidade o mundo parte sempre dos «cifrões». O que será partir de «outro ancoradouro» que neste caso tem o nome de «pobreza de Cristo». O mundo teme; nós também. Talvez nos ajude o Padre Américo com o seu testemunho: Estando em Fátima, em certa ocasião, houve alguém que, conhecendo a sua ânsia por dar casa aos pobres — andava no seu coração, de forma embrionária, o *Património dos Pobres* — insiste em que vá e diga ali da sua preocupação; pregue o que lhe vai na alma... Padre Américo, a custo, acedeu

e pregou de forma evangélica, e apaixonada: «Eu não sei nada senão Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado...» — parafraseando magistralmente o «Apóstolo das Gentes».

O que será partir da pobreza de Cristo para construir algo de novo? Partir da pobreza! É o próprio Papa Francisco que traça o caminho e empresta as palavras à nossa boca. Digamos com ele: «é precisamente o seu modo de nos amar, o aproximar-se de nós como fez o Bom Samaritano (...) aquilo que nos dá verdadeira liberdade, verdadeira salvação e verdadeira felicidade é o seu amor de compaixão, de ternura e de partilha».

Não se trata da simples solidariedade ou de partir de um imperativo ético, já «de si», louvável, por brotar da consciência humana; mas de um amor «que vai à frente», que se antecipa, nos gestos e nas palavras — nas promessas cumpridas. Num amor que paga adiantadamente e sem cobrar; um amor de substituição em caso de

falência da parte mais frágil. Amor gratuito, total, como é todo o verdadeiro amor maternal, paternal, filial, conjugal, na sua marca radical. Tão Bem no-lo diz o Apóstolo Paulo em Romanos, de alma rasgada: «Foi por mim...»

A contemplação deste amor de qualidade incomparável, é que há-de gerar um quadro novo na relação das religiões e erguer os povos para debelar a miséria material, moral e espiritual, referenciadas pelo Papa na sua mensagem quaresmal.

Como dizia um ilustre teólogo do nosso tempo, já desaparecido: «Eu não preciso de “um” Deus que apenas se solidarize com o meu drama, mas de um Deus que me salve — porque é de ser salvo que eu preciso».

Foi o despojamento de Jesus, de Belém ao Calvário, que nos enriqueceu de forma paradigmática e cabal.

A Quaresma é um tempo de especial contemplação-adoração deste mistério inaudito, escondido, revelado agora aos homens «no espectáculo da Cruz — Foi por mim». □

os seus irmãos. Pai Américo está feliz e todos os dias é lembrado pelos seus filhos. Ele é o alicerce vivo das nossas Casas do Gaiato. *Fazer de cada Rapaz um Homem; Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.*

De toda a Comunidade das nossas Casas de Angola — actuais e antigos gaiatos — trago um forte abraço e beijos dos mais pequeninos, para todos os nossos Amigos Leitores deste pequeno, mas grande, Jornal com setenta anos. Obrigado. □

PENSAMENTO

Pai Américo

Eu acredito, também, nas possibilidades do rapaz. A Alma é um terreno formidável. Sou testemunha de transformações admiráveis. Acredito, ainda, na dor do pecado, na eficácia dos sacramentos, no poder da oração.

in *Cantinho dos Rapazes*, p 76

SETÚBAL

Padre Acílio

Sala de estudo

TANTO no Lar, onde os estudantes se juntam após as aulas diárias na cidade, como em Casa, há várias salas mobiladas para que cada Rapaz se possa recolher na reflexão e análise das matérias dadas nas escolas.

Como o ambiente juvenil é tão disperso, também alguns dos meus se deixam ir na onda! O que aparenta ser mais fácil. O estudo é, pelo contrário, um trabalho exigente.

Por causa dos mais desleixados e menos conscientes e porque foram alguns os que me trouxeram várias negativas no 1.º período, resolvi marcar estudo obrigatório aos sábados e domingos, das 17 às 19 horas.

Juntá-los todos numa sala, era muita gente. Atrapalhavam-se e distraíam-se com facilidade.

Como a nossa sala de jantar, além de ampla, bonita, bem decorada, é, ainda, quentinha, designei-a como sala de estudo para todos.

Após o almoço, os do refeitório apenas limpam as mesas e a sala, não põem os pratos nem os talheres nem os guardanapos. Deixam esta tarefa para depois das 19 horas.

Toca a sineta às 16:30, para deixarem o futebol e se lavarem, e, às 17:00, toda a minha gente dos 2.º, 3.º Ciclos e Secundário carrega os seus livros e apontamentos para a sala de refeições, transformada, assim, por duas horas, em sala de estudo, onde os acompanho com a minha pacificadora presença, alguma explicação ou, até, ajuda.

Foi uma boa escolha. Os Rapazes sentam-se, com os colegas do mesmo ano ou sozinhos, nas amplas e redondas mesas, fazem os trabalhos de casa, revendo também, pelos compêndios, a matéria menos segura.

Embora vigilante, como não podia deixar de ser, continuo disponível para qualquer ajuda e escolha, para o pé de mim, os menos espertos e com mais dificuldades, para os instruir no estudo, aplicando-me com eles.

Os Rapazes têm reagido bem. Compreenderam e tenho a impressão de que estão a gostar.

Esforço-me para que a sala tenha luz com abundância e, quando começa a escurecer, mando acender também a iluminação própria dos dias festivos.

Até a Senhora se entusiasma com o empenho dos Rapazes, brindando-os com uns bolinhos, para os consolar, no fim dos vários exercícios.

É, para mim, mais um momento para estar com eles, estreitando as nossas relações, aperceber-me das dificuldades e graus de inteligência de cada um, e avaliar melhor o seu esforço.

Estamos sempre a aprender!

Grupos de Senhoras

JÁ falei destas irmãs, mas nunca é demais realçar o valor que estas mulheres dão à Casa do Gaiato.

Não se designam de *voluntárias* — são pessoas que trabalham de graça, para ganharem a Graça de Deus, sendo-Lhe agradáveis e merecerem, de algum modo, a *Sua Graça*.

Voluntariado é um conceito pagão, criado pelas sociedades agnósticas, com o intuito de arredar a Presença Divina na entrega humana.

Mesmo assim, a Igreja tem tentado *baptizá-lo*, aproveitando o sentido da gratuidade.

Ao longo dos séculos, e ainda hoje, quantos milhões de homens e mulheres dão, e continuam a dar, a sua vida ou parte dela por amor de Deus, sem nunca se terem chamado *voluntários?! Quantos?!*

O serviço prestado aos homens é sempre uma doação a Deus, nem que seja inconsciente.

Agora, temos dois grupos certos: O da segunda-feira, que é gente de Setúbal; e o da quarta-feira, formado pelas senhoras de Quinta do Anjo, Palmela, Aires e Sesimbra.

Gente humilde, silenciosa, com coração de pobre vem alegremente dar, por amor, o seu dia de trabalho aos Gaiatos!

Normalmente, cuidam da roupa e da preparação da comida, mas não se importam de fazer limpeza, seleccionar as dádivas do *Jumbo*, ou qualquer outra tarefa por mais servil que pareça.

Não escolhem trabalho nem as motiva qualquer estímulo de agradecimento, muito menos de vaidade. Identificam-se com os ideais da Obra da Rua e do Pai Américo. Dão-se aos Pobres!

O grupo de Setúbal tem aumentado. As pessoas gostam de vir, enchem-se deste ideal, e convidam outras!

Um casal faz parte da equipa. Vêm marido e esposa. Que delícia de gente pronta para tudo! São exemplo para os Rapazes, que muito acarinhos, e uma grande alegria para nós.

É a Graça de Deus a actuar! □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

A NDA-ME a roer o pensamento e o tempo que não sobra para outros trabalhos. Qualquer dia desaparafuso. Nunca fui de rasgos, mas de rogos, com as costas vergadas pela vida e pelos anos, perante quem possa ajudar a cruz que Deus e Pai Américo me deram. O Telmo acabou a Universidade, que verdade seja não lhe vale muito. Agora, tira dentes, como encontramos um na Massaca em 1991. Só os ferros é que são melhores que o alicate. O Vicente tem a Licenciatura com emprego assegurado. O Pinto, em Administração Hospitalar. O Justino, em Veterinária, também. O Carlos, a Universidade no Rio, com bolsa para Investigação. Já estão preparados para a vida. Outros ainda com Cursos médios e encontram trabalho. Estão mais em licenciaturas e muitos mais em cursos médios. Cada ano aumenta o número. Vamos em setenta. Um problema grande se lhes põe agora:

a necessidade de casar e ter uma casinha com filhos, a pendura de parentes que só agora aparecem, tudo ao mesmo tempo, sem jeito de ganhar o suficiente é um pesadelo.

Para nós outro mais grave que a experiência traz com o número dos que querem uma profissão que garanta a sua vida futura. Isto só é possível com eles fora de Casa. Viver num quarto alugado, com o mínimo dos mínimos, em meios onde os riscos de contágio de tuberculose, agora chamada resistente, de HIV, da droga e do álcool, que campeiam entre os da mesma idade, a influência de grupos de bandidagem, está a ser um risco de tremer. Quarto com cama, colchão e roupa, trem de cozinha e uma mesa para a refeição da noite e estudo, ainda temos arranjado do que nos dão ou fazemos na oficina. Mas precisamos urgentemente de uma Casa, um lar onde os mais em risco, possam ser acompanha-

dos diariamente. Quarto para dois já está muito difícil e como disse perigoso. Propinas, viagens, alimentação e despesas escolares require dinheiro que já não temos. Precisamos de uma casa espaçosa para uns vinte. À chegada tivemos a promessa de uma. Um ano inteiro, duas vezes por semana, a subir a pé ao 5º andar e só ao fim nos disseram que tinha aparecido o dono. Com a escritura da primeira Casa do Gaiato na mão, procurei por quem ao tempo a tomou e não fui recebido, apesar ser esta a “pátria amada” pensando só noutras riquezas. Desse lado morre a esperança. Aparece uma casa com capacidade para vinte bem apertados e como o aperto é grande num coração de pai de duzentos filhos queremos arriscar. São vinte mil euros por ano em cinco anos ou oitenta de uma vez. É muitíssimo. É um desafio a Deus, esperar o inesperado. Se só Ele continua a ser o inesperado, sempre presente, só Ele o pode fazer. □

MALANJE

Padre Rafael

NÃO vos preocupeis com o amanhã, a cada dia bastam seus problemas. «Há muitos anos que não vinha até aqui», disse o nosso Padre Telmo. Havíamos encontrado uma velha árvore e, debaixo dela, um manancial de água saía de entre as rochas. «Há muitos anos que não vinha a esta nascente». E começou a contar a primeira vez que encontrou esta fonte, durante a construção da Aldeia da nossa Casa do Gaiato de Malanje: «Na verdade, há muitos anos que venho a este lugar, e bebo desta água, porque, como se diz, não é o mesmo dizerem-te que esta água é para beber, necessário é bebê-la». Muitas pessoas que visitam a nossa Casa, e logo se vão à sua vida sem conhecerem o manancial da Obra da Rua e sem beberem esta “água”... se transformam em pessoas murchas; às pessoas que visitamos em nossa vida, assim lhes damos o mesmo...

São oito da manhã. É sábado e tínhamos programado semear milho na Carianga. Normalmente acompanho os trabalhos, mas,

hoje, não me foi possível. Informaram que uma empresa cavava, nos terrenos da nossa Casa, uma rua. Depois de contrariar a obra, exigiu a presença do encarregado, e nada encontramos que fosse claro; convidamos a que abandonassem a nossa Aldeia.

É meio-dia, fui ver a sementeira do milho. Ao chegar, todos estão parados, porque o tractor precisou de encher uma roda. Por telefone, informam que o empreiteiro está disposto a negociar, e regressámos a Casa.

Após duas horas a falar com o empreiteiro, não chegámos a qualquer acordo. Voltei ao camião e segui para a Carianga, a ver os trabalhos do milho. Pelo caminho, ficámos a saber que o tractor teve de parar, porque a roda não é a ar. Seguimos o nosso caminho, recolhemos o milho e colocámo-lo no armazém. Finalmente, regressámos a Casa.

São cinco da tarde. Acabámos de desmontar a roda para levá-la, com urgência, a uma oficina da cidade, porque o tractor não pode

ficar na rua. Quando passávamos um controlo da Polícia, parecemos ver o Alegria e sua esposa Bet... voltámos atrás.

Encontrámos o Alegria discutindo com os polícias e a Bet no carro patrulha. Bet, aparentemente, tinha esquecido o passaporte em casa e a polícia queria detê-la. Quando chego, apresento-me e, graças a Deus, o chefe da polícia conhecia-me. Depois de falar com eles e acalmar o ambiente, vamos até aonde a Bet e explico-lhe que está sob a minha responsabilidade. Bet olha-me como se estivesse num pesadelo. Depois, mandaram-nos ir pelo passaporte, para o mostrar. Assim, fui com Alegria à cidade. Pegamos no passaporte e tudo ficou entre amigos.

São sete e acabamos de montar a roda do tractor. Ainda temos tempo para um banho e jantar. Depois, reunião de chefes até às dez e meia.

Estou contente porque hoje foi um dia normal. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

riqueza, a sua força e o seu poder. O mundo, com a sua filosofia laica, e a ilusão do luxo e do dinheiro, invadiu tantas consciências que se diziam cristãs e até militantes do cristianismo, mas sem qualquer peso nas suas palavras e acções.

Vem o Papa Francisco, cheio do Evangelho, limpo do mundo e iluminado pelo Espírito, com ideias e vida semelhantes às de Pai Américo, que escandalizou tantos fariseus do seu e de todos os tempos: — **nossa pobreza é nossa riqueza.**

O Concílio do Vaticano II levantou projectos inovadores que se ficaram na abstracção, na liturgia e na segurança balofa do mundo, apesar dos constantes apelos dos

Papas seguintes que, no entanto, não se atreveram a pôr o dedo na ferida como faz agora o Papa Francisco.

Em Portugal, que apanhou de seguida a revolução, libertadora (?) dos pobres e oprimidos, foi um ver se te avias atrás das grandes ideias da modernização, actualidade e progresso. Até se baniou do vocabulário social cristão a palavra **pobre** e se lhe chamou carenciado.

Falar de pobreza, na década de 90, mesmo para muita gente da Igreja, era sinal ultrapassado e bafiento. A própria Obra da Rua foi referida como ultrapassada, no seu espírito, nos seus métodos e objectivos.

Quantas conferências vicentinas abandonaram a visita aos seus pobres e se transformaram em meros agentes da segurança social,

distribuidores dos comestíveis vindos da CEE. Sem proximidade aos pobres, perderam o espírito evangélico, não anunciavam nada e, naturalmente, morreram como não podia deixar de ser.

À medida que o mundo avançava na Igreja, esta recuava, indo atrás das suas vantagens enganadoras!

Quem levantou o dedo e apontou? Ficou-se sempre em generalidades.

O Papa Francisco defende os pobres, os injustiçados e oprimidos e não teme apontar o dedo ao explorador para o ganhar para Deus, sem qualquer receio de represálias.

«*Não esqueçamos que a verdadeira pobreza dói. Não seria válido um despojamento sem esta dimensão penitencial. Desconfio da esmola que não custa nem dói.*» □

VINDE VER!

Padre Quim

Oficinas de educação

VENHO de dar uma volta pelas nossas oficinas. Não se trata de um passeio ao meio da manhã ou ao final da tarde. Vou na minha missão de educador. Só é possível a acção educativa, se nela o acompanhamento for personificado.

O grupo confunde e irresponsabiliza-se de qualquer acto. As massas associativas são barulhentas e vazias.

Não! Em nossa Casa não nos deixamos enganar com o que parece ser e não é. A intuição e o amor continuam a ser chaves de ouro. Só ao indivíduo se pode exigir responsabilidade.

Com a porta sempre aberta, a liberdade só é senhora de si-mesma, se for resposta positiva dos deveres atribuídos.

Nas nossas oficinas os rapazes, maiores de dezasseis anos, aprendem, conforme a habilidade e aptidão, a arte que melhor os poderá ajudar a pôr a render os seus talentos.

O trabalho manual, realizado nas oficinas sob o olhar atento dos mestres e responsáveis das mesmas, complementa a actividade mental de estudar, começada desde pequenino. A teoria, sem a prática, é duvidosa. A interacção entre os dois processos é garantia de segurança.

Nesse começo de ano vários rapazes, na casa dos dezasseis, ingressaram nas oficinas da Casa, a liberdade foi determinante para cada um, na escolha do sector de trabalho. Serralharia, carpintaria, pintura e electricidade tiveram bastantes candidatos. Todos têm lugar e espaço para o crescimento e amadurecimento desejado, primeiro como pessoa e, depois, como bom profissional onde, amanhã, for colocado na vida social.

O rapaz que for responsável, em nossa Casa, nas suas obrigações, dá mostras de que virá e ser um bom funcionário amanhã — e que bem falará dele o seu patrão! Com certeza há-de querer mais um, e mais outro, da nossa Casa. O contrário é desastroso.

O bom nome é a honra de uma pessoa. A nossa Obra merece o bom nome por quão grande bem faz ao «lixo da rua» — rapazes abandonados. Ela é o Ond’jango dos pobres! Na maneira africana de familiarização.

Continuamos à procura de solução para o problema da construção de um muro, para defender a nossa propriedade dos abusos que tem sofrido, quer da apropriação junto às zonas delimitadas, quer da invasão errante das pessoas que fazem dela o caminho para cruzar o Bairro da Graça.

O respeito à propriedade alheia está em crise, sobretudo para quem quer educar gente nova, que à sua volta vê o contrario ao que os seus ouvidos escutam.

Começou a Quaresma, Tempo de escuta da Palavra, para fazer um caminho de quarenta dias com os rapazes, para chegarmos juntos à Páscoa da Ressurreição. Quem não caminha no sentido da conversão, está condenado à caducidade, ao desânimo e à autodestruição.

Somos chamados a concretizar o desejo de conversão, indo ao encontro do Sacramento da Reconciliação, fazendo uma clara confissão e arrependendo-nos de todo coração, superando e crendo no espírito fraterno, praticando as obras de misericórdia. E, sobretudo, empreender uma luta ferrenha contra o mal.

A oração é arma de combate, o jejum, aliado à prática da caridade, é outra. Só o bem interessa, sobretudo quando vem do coração. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

A necessidade da religião, nas nossas Casas, não se discute. Quem a não admite, errou, e está tudo dito. Mas, cautela, meu Padre. Seja prático. Os rapazes da rua não suportam grandes tiradas. Dê-se-lhes o indispensável. Respeitar muito a verdade, a justiça, o trabalho; fomentar o amor à honestidade, o amparo aos mais pequenitos, o cuidado nas doenças. A comidinha muito bem feita. As barrelas à moda dantes, com cinza e água a esquentar. Os frutos suspensos, as espigas nos campos, o redil das ovelhas. Mas isso é religião natural, dirá o meu amigo? Não é. É uma disposição da alma, para receber e acreditar no Deus da Revelação. Digo-lhe mais, meu jovem levita, sem o homem não pode haver o cristão. Esta é a minha opinião.

E mais nadinha havíamos de dizer. Contudo, porque aconteceu em dias de cinzas, quaresmais, é de registar um gesto pequenino e sublime, pela sua grandeza: um menino de 4 anos veio-nos entregar um cêntimo, consciente e feliz do tesouro que tinha nas suas mãos. Pois muito bem, tudo começa por ser fiel nas coisas pequenas. E que extraordinário, e não utópico, seria para mudar a face do mundo que nada nem ninguém tirassem da alma inocente de cada ser humano o valor da verdade. Aquele cachopito amoroso encontrou tal moeda, qual relíquia, na arreira, segundo balbuciou, onde brincava com os companheiros que o deixaram seguir o verdadeiro caminho.

É também assim que se podem fazer grandes coisas, do particular para o universal, sem derrotas de antemão. O dedo de Deus tudo pode e com as mãos humanas, esvaziando-nos do supérfluo e abrindo-nos à novidade plena de Jesus. □